

Luvita Hiero- glífico

Gramática e leitura

Caio Geraldes

`<caio.geraldes@usp.br>`

2024

Sumário





1	Sistema de escrita, fonologia e flexão nominal	1
1.1	Sistema de escrita	1
1.1.1	Fonogramas	2
1.1.2	Logogramas	5
1.2	Fonologia	8
1.3	Flexão nominal	9
1.4	Leitura: BABYLON 3	10
	Vocabulário	13
	Glossário	15
	Referências	17

1 Sistema de escrita, fonologia e flexão nominal

1.1 Sistema de escrita

Os hieróglifos anatólicos são um sistema de escrita autóctone da Anatólia utilizado, até onde se sabe, apenas para escrever textos em *luvita*. O sistema utiliza tanto *logogramas*, i.e. caracteres que denotam uma unidade semântica, quanto *fonogramas*, i.e. caracteres que denotam sons da língua. Há duas variedades principais dos hieróglifos, os de baixo relevo, produzidos com incisões no material de suportes, e os de alto relevo, produzidos desbastando a pedra em volta dos caracteres.¹ As inscrições do período imperial utilizam sinais levemente diferentes dos sinais das inscrições do período neo-hitita e seus escribas tendem a preferir o uso de logogramas em detrimento dos fonogramas.²



Parte dos hieróglifos pode ter interpretação tanto de logograma quanto de fonograma e, em alguns casos, a interpretação fonográfica surgiu por *rebus*, isto é, o logograma passou a ser utilizado para indicar parte do som da palavra originalmente denotada por ele, como em (1). Alguns sinais não estabilizaram uma leitura fonográfica quando da escrita das inscrições que nos chegaram e ainda, por vezes, são lidos como *rebus*, como em (2).

- (1) a. L.66 DARE  = *pi(ya)*- ‘dar’ → /pi/
b. L.509 (=L.329) CURRERE  /  = *hwi(ya)*- ‘correr’ → /hwi/
(2) L.13 PRAE  = *pari* / *paran* ‘em frente’ → /pa.ri/³

Transliteração e transcrição Por conveniência, costuma-se transliterar o texto hieroglífico no alfabeto latino e então produzir a transcrição do que se supõe ser a forma “corrida” do texto.

¹ Neste documento, caracteres dos hieróglifos anatólicos serão tipografados utilizando a fonte Noto Sans Anatolian Hieroglyphs, que os representa no estilo de baixo relevo.

² Para detalhes do sistema de escrita, vide Hawkins (2000a, pp. 6ff. e pp. 23ff.) e Hawkins (2024, pp. 354ff.).

³ Como no nome próprio Parita, escrito   PRAE-tá- = *Parita*- em QAL ‘AT EL MUDIQ, § 1.

A convenção de transliteração para o alfabeto latino consiste em:

1. Se o sinal não tem interpretação estabelecida ou a interpretação no contexto é incerta, incluir o número do logograma conforme em Laroche (1960), seja com um asterisco ou um *L.* antecedendo o número
2. Se o sinal tem valor logográfico ou *rebus*, escrever o valor semântico convencional em latim, seguindo Laroche (1960) e letras maiúsculas.⁴
3. Se um ou mais logogramas estão em função de *determinativo* (*vide sub*), eles são colocados entre parênteses.
4. Se o sinal tem valor fonográfico, utilizar letras minúsculas.
5. Sinais que pertencem à mesma palavra são separados por hifens.

A transcrição seguem as seguintes convenções:

1. sinais sem interpretação estabelecida ou logogramas cuja forma linguística subjacente é desconhecida, permanecem transliterados;
2. sinais logográficos com interpretação conhecida são convertidos pela palavra que representam;
3. sinais interpretados como *rebus* são convertidos pro valor fonológico;
4. os hifens são excluídos e os sinais com valor fonológico são unidos.

Como a transcrição depende da interpretação das formas linguísticas subjacentes, a conversão não é de um para um e depende do nossas suposições sobre a língua. Com frequência, diferentes autores produzem diferentes transcrições para uma mesma sequência de sinais e, quando em dúvida entre duas formas possíveis, incluem parênteses nos pontos incertos.

1.1.1 Fonogramas

Os fonogramas dos hieróglifos anatólicos representam unidades de sílabas, sendo também chamados de silabogramas. Em sua maioria, eles representam sequências de V (Vogal) e CV (Consoante Vogal), com alguns poucos representando a sequência CVCV, mas apenas quando a segunda sequência de *consoante-vogal* representa a sílaba *ra/ri*. O silabário “regular” para o período das citadas-estado neo-hititas está representado em Figura 1.1 e Figura 1.2 e os sinais para séries CVCV estão em Figura 1.3.

Fonogramas múltiplos Sons que podem ser representadas por mais de um sinal recebem na transliteração sinais adicionais. Utilizando por exemplo o som /a/, a forma mais comum será transliterada <a>, a segunda mais comum pelo acento agudo <á> (=a₂), a terceira pelo acento grave <à> (=a₃) e as demais por números subscritos, como <a₅>. Formas que podem ter diversas vogais são grafadas com as opções de vogal separadas por uma barra, </>.

⁴ Por vezes, sinais que denotam topônimos não são latinizados e são grafados em itálico.



















































































		<i>a</i>	(450)			<i>i</i>	(209)			<i>u</i>	(105)
		<i>á</i>	(19)								
		<i>ha</i>	(215)			<i>hi</i>	(413)			<i>hu</i>	(307)
		<i>há</i>	(196)								
		<i>ka</i>	(434)			<i>ki</i>	(446)			<i>ku</i>	(423)
		<i>la</i>	(176)			<i>li</i>	(278)			<i>lu/a/i</i>	(445)
		<i>lá/i</i>	(172)			<i>la/i</i>	(319)				
		<i>ma</i>	(110)			<i>mi</i>	(391)			<i>mu</i>	(107)
		<i>na</i>	(35)			<i>ni</i>	(411)			<i>nu</i>	(153)
						<i>ní</i>	(214)			<i>nú</i>	(395)
		<i>pa</i>	(334)			<i>pi</i>	(66)			<i>pu</i>	(328)
		<i>ra/i</i>	(383)							<i>ru</i>	(412)
		<i>sa</i>	(415)			<i>si</i>	(174)			<i>su</i>	(370)
		<i>sá</i>	(433)								
		<i>sà</i>	(104)								
		<i>sa_s</i>	(327)								
		<i>ta</i>	(100)			<i>ti</i>	(90)			<i>tu</i>	(89)
		<i>tá</i>	(29)							<i>tú</i>	(325)
		<i>da</i>	(41)								
		<i>wa/i</i>	(439)								

Figura 1.1: Silabário regular (HAWKINS, 2024, p. 419) – Parte 1

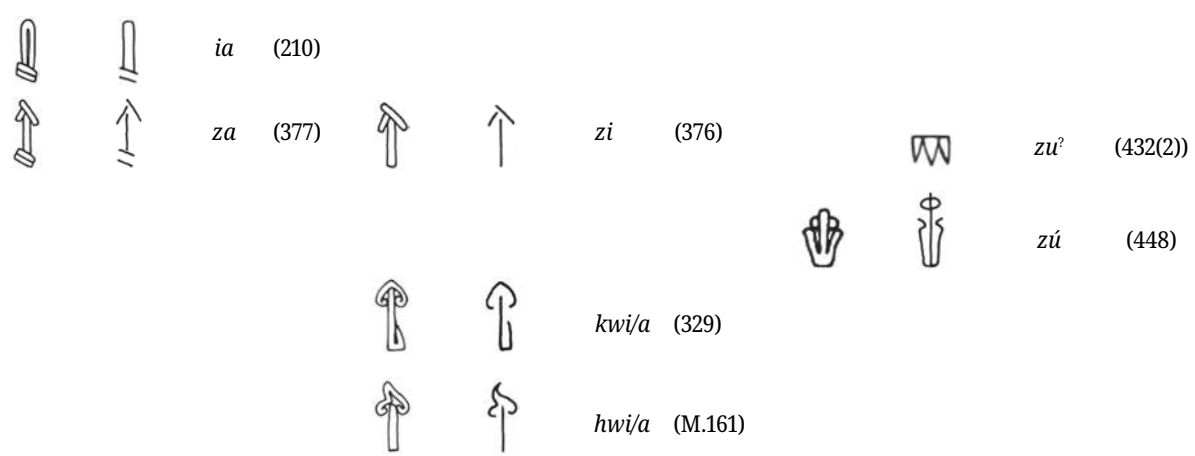


Figura 1.2: Silabário regular (HAWKINS, 2024, p. 421) – Parte 2

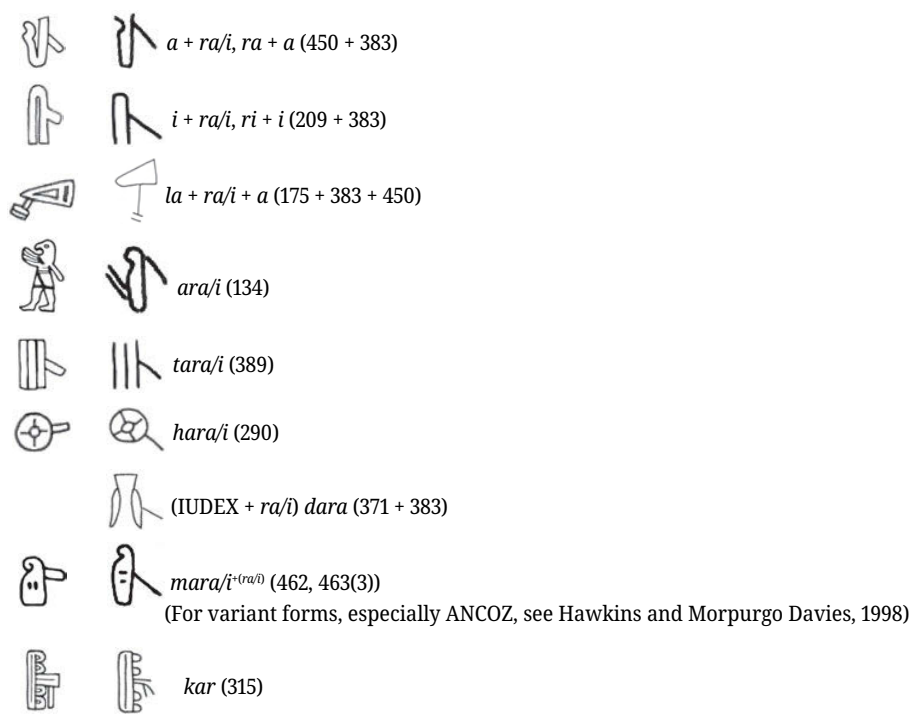


Figura 1.3: Fonogramas CVCV (HAWKINS, 2024, p. 422)

Consoantes isoladas Com esse sistema que sempre representa sequências (C)V, é impossível representar encontros consonantais e consoantes finais. Via de regra, o costume dos escribas era de grafar uma consoante qualquer X com o fonograma utilizado para grafar a sílaba /Xa/. Em português, isso tornaria as palavras *barco* e *barraco* idênticas na grafia, <ba-ra-co>, exigindo que o falante recuperasse pelo contexto e conhecimento da língua qual a forma fonológica ali representada.⁵ Assim, para escrever *hamsukalas* “bisneto”, um escriba de MARAŞ 1 escreveu:

- (3) ...
 ... ha ma su ka la sá
 ... *hamsukalas* (MARAŞ 1, §1d)

Aqui, os grafemas <ma> e <sá> devem ser interpretados como as suas respectivas consoantes puras /m/ e /s/.

/n/ pré-consonantal Uma particularidade da escrita luvita é não grafar o /n/ pré-consonantal onde ele seria esperado pela reconstrução linguística ou comparação com o luvita cuneiforme.⁶ Em português, isso tornaria as palavras *manga* e *maga* idênticas na grafia, <ma-ga>. O mesmo escriba de (3) para escrever a palavra para ‘pais’ escreve:

- (4)
 tá ti zi
tatinzi (MARAŞ 1, §12)




1.1.2 Logogramas



Os logogramas dos hieróglifos anatólicos representam unidades de sentido completo como palavras ou conceitos que, às vezes, podem ser interpretados pelo desenho que representam, como em (5). As palavras em luvita subjacentes aos logogramas só nos são conhecidas por ocasiões em que o escriba, além de utilizar o logograma, escreve também a palavra com os silabogramas da forma, como é o caso em (6).




- (5)
 OVIS
 -
 ‘ovelha’ (EMİRGAZI 1, §§19)

⁵ Consoantes geminadas não são representadas nos hieróglifos anatólicos.






⁶ Alguns interpretam nisso um sinal de que, ao menos no dialeto das inscrições em hieróglifos, os falantes não mais produziam a consoante /n/, mas sim a nasalização da vogal anterior, o que não estaria documentado nos textos luvitas em cuneiforme por conta ou de práticas ortográficas de escribas acostumados com a ortografia cuneiforme do hitita, ou de uma diferença dialetal entre o dialeto da era do bronze e da era do ferro. Se for este o caso, o exemplo (4) representaria /ta.tĩ.tsi/.

- (6)   
 OVIS ha wa/i
 hawa
 ‘ovelha’ (KULULU l.s. 2, §§1.2–11, etc.)

Palavra subjacente desconhecida No entanto, não é sempre que temos essa sorte e todas as atestações de um logograma que nos chegaram o fizeram sem os complementos fonológicos, como em (7). Nesse caso, sabendo que o sinal L.104  CAPRA é utilizado também para grafar a sílaba /sa/, tanto na forma mais pictórica como na forma simplificada  e que em hitita a palavra para caprinos é *šaš(š)a*, podemos supor que a palavra subjacente ao logograma L.104 é *sasa-*. Comparações com o luviu cuneiforme e com línguas histórica e geograficamente próximas do luviu hieroglífico nos permitem elucidar as formas subjacentes que não nos chegaram grafadas, mas há casos em que é impossível alcançar qualquer suposição razoável ou satisfatória, como em (8).

- (7)  
 CAPRA
sasa ? (hit. *šaš(š)a*)
 ‘cabra’
- (8) 
 ADORARE
 ???
 ‘rezar?’ (HISARCIK 2, § 1)

Logograma + silabogramas Como mencionado acima e ilustrado por (6), por vezes um logograma é seguido da palavra subjacente escrita por completo. Essa prática é comum e frequente. Além disso, alguns logogramas são seguidos de silabogramas representando apenas partes da palavra subjacente. Por vezes, como em (9), apenas a desinência flexional da palavra é escrita (i.e., as marcas de caso, gênero e número para substantivos e as de número, pessoa, tempo e modo). Em outros casos, partes além da desinência são escritas com os silabogramas enquanto outras são deixadas sem representação, como em (10), em que a primeira sílaba de /tu.wa.ta/, /tu/, é representada pelo logograma, enquanto as demais sílabas são representadas com silabogramas.

- (9)  
 PONERE ha
 tuwaha
 ‘(eu) coloquei’ (HAMA 4, §§7)
- (10)   
 PONERE wa/i ta

tuwata

‘(ele) colocou’ (BABYLON 3)

Nada exige que as sílabas que seguem um logograma sejam *contíguas* na palavra subjacente, por vezes apenas a primeira e última sílabas são representadas. A palavra para ‘filho’, no nominativo singular, é *nimuwizas*, como atestado pela escrita plena (FILIUS)ni-mu-wa/i-za-sa, bastante frequente no corpus.⁷ No entanto, em algumas inscrições, ela aparece grafada:


- (11)  C   

FILIUS ni za sa

nimuwizas / nizas?

‘filho’ (HAMA 1–3, 6–7, §1)

É impossível decidir se a palavra subjacente nesse caso e em situações semelhantes é uma forma realmente abreviada na fala (uma forma coloquial?) ou se se trata apenas de uma abreviação gráfica. Esses casos são, no entanto, raros.





Logogramas com múltiplas leituras Alguns logogramas servem para representar múltiplas palavras de um mesmo campo semântico. O logograma L.45  era utilizado para denotar palavras no campo semântico de ‘filho, criança, irmão’, sendo transliterada pelas palavras latinas FILIUS, INFANS e FRATER respectivamente. Nestes casos, é comum que a palavra siga escrita também em silabogramas, ao menos parcialmente:

- (12) a.  C    

FILIUS ni mu wa/i za sa

nimuwizas




‘filho’ (KÖRKÜN, §1)

- b.  C    C

INFANS ni wa/i+ra/i ni (= INFANS.NI-wa/i+ra/i-ni-?)

niwarani?

‘criança (incapaz?)’ (MARAŞ 4, §14)

- c.    C

FRATER la i sa (= FRATER.LA-i-sa?)

lanis? (≃ luv.cun. *nani(ya)*-, cf. hit. *negna*-)

‘irmão’ (ALEPPO 2, §3)

Note-se que no caso de *niwarani* ‘criança’ e *lani* ‘irmão’, não podemos estabelecer certeza da forma fonológica subjacente, posto que ou não temos esses termos registrados em luvita cuneiforme, o luvita cuneiforme os registra com

⁷ KÖRKÜN, §1; KARKAMIŞ A2+3, §1; TELL AHMAR 1, §13; EĞREK, §1; QAL ‘AT EL MUDIQ, §1; HAMA 4, §1 (-[m]u-); HAMA 8, §1; HINES, §1; ŞIRZI, §1; KARKAMIŞ A11a, §1; TELL AHMAR 1, §§1, 19(-i).

variações e a comparação com o hitita é inconclusiva.⁸ O mesmo ocorre em diversos casos em que um logograma possui múltiplas leituras possíveis.”

1.2 Fonologia

Utilizando apenas o silabário regular do luvita hieroglífico seríamos capazes de reconstruir o seguinte inventário de fonemas:

- Vogais: *a, i, u*
- Oclusivas: *p, t, k*
- Nasais: *m, n*
- Fricativas: *s, z, h*
- Outras: *r, l, w, y*

No entanto, esse inventário de fonemas não parece ser o inventário realmente utilizado pela língua.

Em primeiro lugar, temos como evidência o *rotacismo* de algumas dentais em ambiente intervocálico. O rotacismo não ocorre de maneira consistente em nenhuma região geográfica ou período da língua luvita e formas com os sinais para /t/ e /r/ com frequência aparecem no mesmo texto. As formas que sofrem rotacismo são, de acordo com [Morpurgo Davies \(1982, p. 249–50\)](#):

1. desinências de ablativo em *-ati*: <-a-ti> e <-Ca-ra/i-(i)>.
2. desinências de terceira pessoa:
 - a) presente *-ti*: <-ti> ou <-ra/i-(i)>;
 - b) pretérito *-ta*: <-ta> ou <-ra/i>;
 - c) imperativo *-tu*: <-tu> ou <-ru>.
3. partículas enclíticas:
 - a) reflexivo / pronominal *=ti*: <-ti> ou <-ra/i-(i)>;
 - b) pronominal *=tu*: <-tu> ou <-ru>;
 - c) pronominal *=ata*: <-a-ta> ou <-a+ra/i>.
4. itens lexicais, dois deles com etimologia bem estabelecida:
 - a) <*á-ru-na*> ‘comer’ de PIE **ed-*;
 - b) <*pa+ra/i-za*> (dat.pl., SULTANHAN, §9) de PIE **ped-*, mas também grafado <*pa-da*> (dat.sg., SULTANHAN, §6).

Por comparação com a evidência do luvita cuneiforme⁹ e lício e por razões tipológicas, assume-se atualmente que o rotacismo apenas incindia sobre uma consoante próxima de uma oclusiva sonora dental /d/.¹⁰ Além disso, os sinais previamente considerados intercambiáveis da série /ta/, antigos <ta₁₋₅>, deixaram de sê-lo desde o artigo de [Rieken \(2008\)](#), que demonstrou que <ta₃> não

⁸ A interpretação das formas subjacentes ao logograma L.45  como INFANS e FRATER discutida em [Hawkins \(1980, p. 143–6\)](#) e [Yakubovic \(2010, p. 387\)](#).

⁹ Em luvita cuneiforme, embora irregular, a consoante /d/ é representada pela grafia das dentais sem geminação, como *a-a-ta* /ada/ ‘ele fez’, em contraste com *a-at-ta* /ata/ (conj.+partic.).

¹⁰ Esse /d/ pode ter duas origens, como argumenta [Morpurgo Davies \(1982\)](#): 1. PIE **d*; 2. PIE **t* em pelo menos dois contextos: a) PIE *ŷtV* > luv.com. *ŷdV*; b) PIE *ŷCVtV* > luv.com. *ŷCVdV*; i.e., após vogais longas ou ditongos acentuados e entre vogais não acentuadas.

é intercambiável com <ta₁₋₂> e desde o artigo de [Rieken e Yakubovich \(2010\)](#), que demonstrou que os antigos <ta₄> e <ta₅> correspondem a <la/i> e <lá/í>, respectivamente.

Em segundo lugar, por comparação com o *luvita* cuneiforme, cujo sistema de escrita diferencia oclusivas surdas e sonoras (excluindo as dentais) e é capaz de representar vogais longas (pela *scriptio plena*), temos evidências de que o sistema opunha oclusivas *surdas* e *sonoras*, bem como vogais *breves* e *longas*.

Por fim, o

1.3 Flexão nominal

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Ut purus elit, vestibulum ut, placerat ac, adipiscing vitae, felis. Curabitur dictum gravida mauris. Nam arcu libero, nonummy eget, consectetur id, vulputate a, magna. Donec vehicula augue eu neque. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Mauris ut leo. Cras viverra metus rhoncus sem. Nulla et lectus vestibulum urna fringilla ultrices. Phasellus eu tellus sit amet tortor gravida placerat. Integer sapien est, iaculis in, pretium quis, viverra ac, nunc. Praesent eget sem vel leo ultrices bibendum. Aenean faucibus. Morbi dolor nulla, malesuada eu, pulvinar at, mollis ac, nulla. Curabitur auctor semper nulla. Donec varius orci eget risus. Duis nibh mi, congue eu, accumsan eleifend, sagittis quis, diam. Duis eget orci sit amet orci dignissim rutrum.

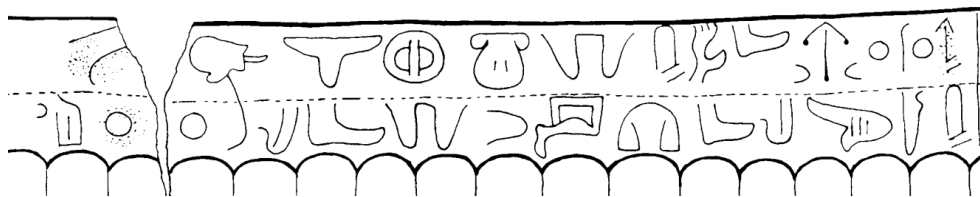
1.4 Leitura: BABYLON 3





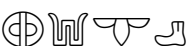



Trata-se de um vaso em estado fragmentário (Figura 1.4) escavado por Koldewey na década de 20 onde se acredita ser a cidade de Babilônia, sítio arqueológico de Arpada, noroeste de Alepo, contendo uma inscrição no beiral em cursivas de baixo relevo, sentido sinistroverso, em duas linhas a serem lidas em conjunto (para cada coluna, lê-se o caractere na primeira linha, em seguida o da segunda linha e assim sucessivamente). A inscrição, embora escavada na Babilônia, provavelmente teria sido produzida em Alepo e lá dedicada ao deus do trovão Tarhunta da cidade, o que é indicado pelo epíteto 𐎶𐎵𐎶𐎶 TONITRUS.HALPA-*pa-ni* = *halpa(wa)ni* ‘halabeu’, desde o período imperial, a combinação dos logogramas L.199+L.84/85 𐎶𐎵𐎶𐎶/𐎶𐎵 TONITRUS+CRUS₂/GENUFLECTERE via de regra denota a cidade de Halab.¹¹ A data de produção é incerta, mas deve cair entre o século IX e VIII AEC.



Figura 1.4: Babylon 3. Diâmetro: 0.66m.; Profundidade (interna): 0.67m. Imagens produzidas e traçado feito por Hawkins (2000c, plate 212). Atualmente no Vorderasiatisches Museum, Berlin, no. VA Bab. 1507.

¹¹ Com L.84 CRUS₂ 𐎶𐎵: ALEPPO 5; NİŞANTEPE 2, no. 57; İMAMKULU. Com L.85 GENUFLECTERE 𐎶𐎵: ALEPPO 6; TELL AHMAR 5; KÖRKÜN; BABYLON 1; BABYLON 3; HAMA 1. Também nomes próprios de figuras associadas a Halab são grafados com essa combinação, como Halparun-tiya em MARAŞ 1 TONITRUS.HALPA-*pa-ru-ti(-i)-ia-*.



- (13)   
 za-ia-wa/i-a “SCALPRUM”-ka-ti-na CERVUS₂-ti-ia-sa
  
 TONITRUS.HALPA-pa-ni DEUS.TONITRUS-hu-ti PRAE-na
 
 [PONERE]-wa/i-ta
 zaya=wa katin(a) Runtiyas halpawani Tarhu(n)ti paran tuwa-ta
- (14) zaya=wa katin(a) Runtiyas halpawani Tarhu(n)ti paran
 DET.ACU. vasilha.NEUT.ACU. R.COM.NOM. halabeu.DAT. T.DAT. PREP.
 tuwata
 colocar-3SG.
 Esta vaso Runtiyas dedicou ao Tarhunta halabeu.

Vocabulário

kati- (subst. NEUT.) vaso, vasilha
Runtiya- (nome próprio. COM.) Runtiya
halpawan- (adj.) proveniente de Halpa; halabeu
Tarhu(n)t- (nome próprio, teônimo) Tarhunta
paran (PREP.) em frente a
tuwa- (v.)

Glossário

Referências

- ADIEGO, Ignasi-Xavier et al. (Ed.). *Luwic dialects and Anatolian: Inheritance and diffusion*. Barcelona: Universitat de Barcelona Edicions, 2019. (Series Anatolica et Indogermanica, 1).
- BAUER, Anna H. *Morphosyntax of the Noun Phrase in Hieroglyphic Luwian*. Leiden: Brill, 2013.
- CARRUBA, Onofrio. *Das Palaische: Texte, Grammatik, Lexikon*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1970. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 10).
- COHEN, Yoran; GILAN, Amir; MILLER, Jered L. (Ed.). *Pax Hethitica: Studies on the Hittites and their Neighbours in Honour of Itamar Singer*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2010. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 51).
- HAWKINS, John David. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 1: Text. Introduction, Karatepe, Karkamiš, Tell Ahmar, Maraş, Malatya, Commagene*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000a.
- HAWKINS, John David. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 2: Text. Amuq, Aleppo, Hama, Tabal, Assur Letters, Miscellaneous, Seals, Indices*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000b.
- HAWKINS, John David. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 3: Plates*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000c.
- HAWKINS, John David. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume III: Inscriptions of the Hittite Empire and New Inscriptions of the Iron Age*. Berlin: Walter de Gruyter, 2024.
- HAWKINS, John David. The “Autobiography of Ariyahinas’s Son”: an Edition of the Hieroglyphic Luwian Stelae Tell Ahmar 1 and Aleppo 2. *Anatolian Studies*, v. 30, p. 139–156, 1980. DOI: [10.2307/3642785](https://doi.org/10.2307/3642785).
- HAWKINS, John David; ÇAMBEL, Halet. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume II: Karatepe-Aslantaş The Inscriptions: Facsimile Edition*. Berlin: Walter de Gruyter, 1999.
- HAWKINS, John David; MORPURGO DAVIES, Anna; NEUMANN, Günter. *Hittite Hieroglyphs and Luwian: New Evidence for the Connection*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1974. (Nachrichten der Akademie der Wissenschaften in Göttingen (Philologisch-historische Klasse), 6).

- HOFFNER JR., Harry A. *The Laws of the Hittites: A Critical Edition*. Leiden: Brill, 1997. (Documenta et Monumenta Orientis Antiqui, XXIII).
- HOFFNER JR., Harry A.; MELCHERT, H. Craig. *A Grammar of the Hittite Language*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2008. (Languages of The Ancient Near East).
- LAROCHE, E. *Les hiéroglyphes hittites*. Paris, 1960.
- MELCHERT, H. Craig. *Cuneiform Luvian Lexicon*. Chapel Hill, N.C., 1993. (Lexica Anatolica, 2).
- MELCHERT, H. Craig (Ed.). *The Luwians*. Leiden: Brill, 2003. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- MORPURGO DAVIES, Anna. Dentals, Rhotacism and Verbal Endings in the Luwian Languages. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, Vandenhoeck & Ruprecht (GmbH & Co. KG), v. 96, n. 2, p. 245–270, 1982. Acesso em: 24 jun. 2024.
- MOUTON, Alice; RUTHERFORD, Ian; YAKUBOVICH, Ilya (Ed.). *Luwian Identities*. Leiden: Brill, 2013. (Culture and History of Ancient Near East, 64).
- PAYNE, Annick. *Hieroglyphic Luwian: An Introduction with Original Texts. 2nd revised edition*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2010.
- PAYNE, Annick. *Iron Age Hieroglyphic Luwian Inscriptions*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2012.
- RIEKEN, Elisabeth. Die Zeichen <ta>, <tá> und <tà> in den hieroglyphen-luwischen Inschriften der Nachgroßreichszeit. de. *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici*, v. 50, 2008.
- RIEKEN, Elisabeth; YAKUBOVICH, Ilya (Ed.). The new values of luwian signs L 319 and L 172. In: SINGER, Itamar. *ipamati kistamati pari tumatimis: Luwian and Hittite studies presented to J. David Hawkins on the occasion of his 70th birthday*. Tel Aviv: Emery e Claire Yass Publications in Archeology, 2010. P. 199–219.
- SINGER, Itamar (Ed.). *ipamati kistamati pari tumatimis: Luwian and Hittite studies presented to J. David Hawkins on the occasion of his 70th birthday*. Tel Aviv: Emery e Claire Yass Publications in Archeology, 2010.
- STARKE, Frank. *Die keilschrift-luwischen Texte in Umschrift*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1985. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 30).
- STARKE, Frank. *Untersuchung zur Stammbildung des keilschrift-luwischen Nomens*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 31).
- VELHARTICKÁ, Šárka (Ed.). *Audias fabulas veteres. Anatolian Studies in Honor of Jana Součková - Siegelová*. Leiden: Brill, 2016. (Culture and History of Ancient Near East, 79).

YAKUBOVIC, Ilya (Ed.). The West Semitic God El in Anatolian Hieroglyphic Transmission. In: COHEN, Yoran; GILAN, Amir; MILLER, Jered L. *Pax Hethitica: Studies on the Hittites and their Neighbours in Honour of Itamar Singer*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2010. P. 385–398. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 51).

YAKUBOVICH, Ilya. *Sociolinguistics of the Luwian Language*. Leiden: Brill, 2010.

YAKUBOVICH, Ilya; MOUTON, Alice. *Luwili: Hittite-Luwian Ritual Texts Attributed to Puriyanni, Kuwattalla and Šilalluḫi (CTH 758–763)*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 2023. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 10).

